

Mauricio de Sousa: construção de personagens de ficção x construção de personagens de não-ficção

Mauricio de Sousa: construction of fictional characters x construction of non-fiction characters

Cristiana de Almeida Fernandes ¹

Resumo

O presente trabalho analisa a construção das personagens das histórias em quadrinhos de Mauricio de Sousa, sob elementos da narrativa visual, em sua representação imagética a respeito da figuração utilizada na ficção e na não-ficção. O artigo visa contribuir para o uso de personagens não só em quadrinhos, mas em outras mídias consideradas narrativas, principalmente no que concerne a dicotomia ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Quadrinhos, construção imagética, ficção, não-ficção, narrativa visual.

Abstract

This study examines the character building of Mauricio de Sousa's comics, on elements of visual narrative in its representation concerning the figurative imagery used in fiction and nonfiction. The article aims to contribute to the use of characters not only in comics, but in other media narratives considered, especially in the dichotomy concerne teaching and learning.

Keywords: Comics, construction of image, fiction, nonfiction, visual narrative.

¹Graduação em Desenho Industrial, Especialização em Comunicação e Imagem, Mestrado em Design

Para analisar a construção da imagem das personagens de Mauricio de Sousa pelo viés da narrativa literária, é necessário primeiramente contextualizar sua obra na importância que hoje ocupa no mercado de quadrinhos nacional e internacional. Podemos arriscar que essa importância se deve não só pelas estratégias empresariais, mas também pelo desenvolvimento de um estilo e dinâmica quadrinística próprios representados pela leitura, iconografia, cenário, composição de cores, linguagem verbal e, principalmente, pela representação humana composta em suas revistas.

Como afirma o autor:

“acho que no decorrer destes mais de 40 anos enveredamos por um caminho gráfico realmente um pouco diferente de outras vertentes e estilos. Mas não chego a me considerar fundador de um novo estilo de quadrinhos. Sou parte de um processo de influências e resultados”. (SOUSA: 2005)

Os quadrinhos de Mauricio de Sousa são voltados para o público infanto-juvenil. Porém, têm atingido ao longo dos anos, outras faixas-etárias.

Fazendo uma breve leitura do objeto de análise e de outros quadrinhos de mesmo target, observamos que Mauricio de Sousa desenvolve uma linguagem própria, utilizando elementos gráfico-visuais já comumente entendidos pelo público no que se trata de expressões, enquadramento e movimentação das personagens, posicionamento da fala pelos balões de discurso, entre outros.

Entendemos como enquadramento, o próprio posicionamento da personagem em relação ao quadro delimitado, aproximando a linguagem dos quadrinhos à do cinema, utilizando a movimentação da câmera para traduzir as ações.

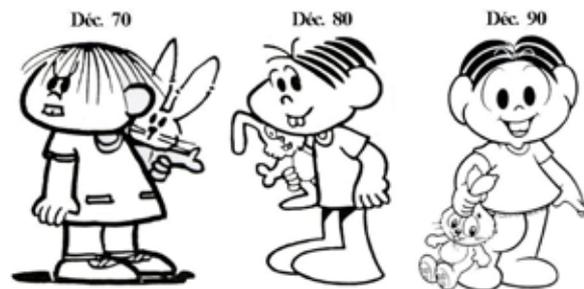
Não podemos confundir aqui a dinâmica de leitura da imagem descrita através do movimento no cinema com a dos quadrinhos. Mas se formos considerar que ambas narrativas necessitam do uso da interação da imagem com a palavra falada, limitada quadro-a-quadro, arriscamos dizer que os quadrinhos se apropriam de elementos de corte e continuidade presentes no cinema, diferenciando-se pelo controle que o leitor tem da seqüência de imagens a ser seguida. (EISNER: 1995, p.40)

Sob a ótica da narrativa, afirma Moacyr Cirne:

“Na verdade, cinema e quadrinhos se aproximam muito mais pela questão narrativa inerente a seus discursos do que por uma semioticidade centrada na imagem. A narrativa, nos dois, pressupõe uma continuidade que é enfrentada diferentemente, segundo suas técnicas específicas e seus projetos semióticos (...) Se substituíssemos a expressão “narrativa fílmica” por “narrativa quadrinística”,

seria perfeito enquanto formulação crítica voltada para o universo que é objeto de nossa viagem libertária no campo do ensaio literário: a banda desenhada estaria, pois, criticamente contemplada. (CIRNE: 2002, p.136)

Mauricio de Sousa possui um traço próprio. O desenho de suas personagens foi sendo modificado ao longo dos anos, fazendo com que fossem ficando com formas mais arredondadas e padronizadas, seguindo uma construção geométrica mais proporcional já estudada à anatomia humana. Hoje, podemos dizer que as formas corporais estão “lapidadas”, porém, ainda altamente autorais. Houve uma preocupação da evolução e simplificação do traço, para que a imagem ficasse cada vez mais próxima do seu público, mas ainda carregando estilos e composições característicos. (SOUSA: 1996)



Apesar dos quadrinhos, na maioria dos estudos já realizados, serem considerados obras ficcionais, por não se tratarem de textos jornalísticos ou documentais, há uma preocupação de alguns autores em tratá-los como metáforas do real, utilizando-se de grafismos de significação e adequação ao repertório visual do público ao qual se destinam. (DUTRA: 2003)

Cabe aqui diferenciar ficção, de não-ficção, denominada de referente, pela análise da narrativa de Reuter:

“(...) ficção, a história e o mundo construídos pelo texto e existentes apenas pelas suas palavras, suas frases, sua organização etc., e o referente, ou seja, o ‘não texto’: o mundo real (ou imaginário) e nossas categorias de apreensão do mundo que existem fora da narrativa singular, mas às quais esta se remete”. (REUTER: 2002, p.17)

Nas palavras de Reuter, a divisão entre texto ficcional e não-ficcional não é facilmente mantida, porque toda história, por mais que seja “inventada”, “refere-se ao nosso universo e só pode ser compreendida com referência a ele e às nossas categorias de apreensão do mundo”. (ibidem, p.18).

Olhando a obra de Mauricio de Sousa pelo viés do roteiro, há uma preocupação “ideológica” em aproximar a

criança do conteúdo abordado. Assuntos polêmicos ligados à religião, sexo, relações humanas e familiares, são tratados com um certo cuidado em respeitar condições étnicas e raciais de seu público. Porém, tais assuntos não deixam de ser discutidos.

“Considero a minha obra ideológica, sim, afinal, tudo o que ponho no papel está conduzido de forma a não ferir suscetibilidades, a agradar, a propor uma idéia positiva, otimista, a deixar uma marca, uma mensagem... É como estar falando e contando uma história para um filho, e para os filhos temos que contar verdades e passar exemplos. Coisas que há de sobra na nossa obra ficcional. (...) a criança necessita de conhecer realidades diferentes para sua boa formação de caráter. Porque a vida é assim e a criança, pelos exemplos, pela observação, pela sua própria experiência, vai escolher o caminho que menos dói e que mais vai contribuir para sua formação e crescimento” (SOUSA: 2005).

E, sobre o uso da ilustração para construção de significado da imagem do livro infantil, afirma Ana Paula Zarur:

“Se o controle da fantasia tem por objetivo promover o entendimento da ilustração, em alguns momentos ele serve também à conceitos ideológicos, agindo como um elemento regulador que não permite a proposição de certas questões. Assim a fantasia é utilizada para aproximar a criança de um determinado tipo de discurso”. (ZARUR: 1997).

Podemos dizer que não só o traço dos quadrinhos de Mauricio de Sousa foi “evoluindo” e “simplificando” ao longo do tempo, mas também os roteiros de suas histórias. Questões familiares tipicamente surgidas com um pensamento burguês e repetidas em nossa sociedade são trazidas em suas revistas mensais como assuntos a serem abordados. Não era comum vermos até a década de 80, crianças filhas de pais separados ou de mães solteiras, assuntos que já vemos, conjugados à criação de personagens com necessidades especiais e com uma linguagem voltada às mídias presentes em seus cotidianos.



É necessário neste momento, diferenciar o real (imaginário, não-ficcional), já descrito anteriormente por REUTER, do conceito ficcional, já que, por se tratar de represen-

tações imagéticas, as ilustrações são meras “representações” do referente. As imagens utilizadas nos quadrinhos, entendidas aqui como signos, são demonstrações de associações repertóricas com o leitor, construídas pelo desenho.

Buscando associar aqui o uso da imagem como representante do real, usamos a teoria de mimesis de Costa Lima:

“o decisivo na construção de mimesis é a produção de uma encenação, que menos se repete a um modelo do que implica a organização de uma resposta ao mesmo, empreendida ao nível do sensível”. (LIMA: 1989, p.65)

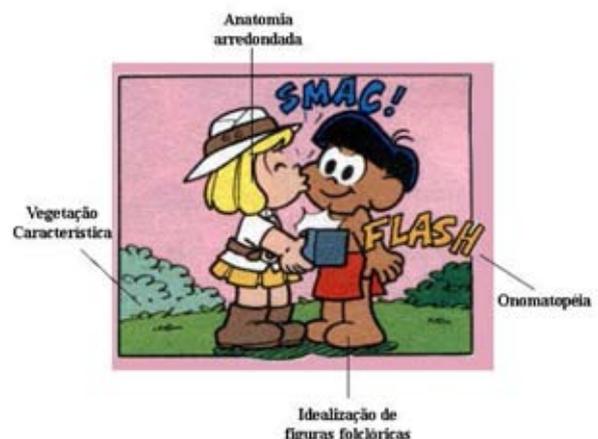
Por mais que a ilustração busque a retratação da realidade, é importante ressaltar que ela sempre achará no referente “inspiração”. Não importa, portanto, o quanto ela segue o real, mas no quanto ela o interpreta. Ela será ideológica no sentido de trazer consigo traços e ponderações do artista que a cria. O desenhista no momento da representação entra como um codificador da realidade.

Wolfgang Iser, sobre a realidade encontrada nas ilustrações, as denomina como “atos de fingir”:

“Quando a realidade repetida no fingir se transforma em signo, ocorre forçosamente uma transgressão de sua determinação correspondente. O ato de fingir é, portanto uma transgressão de limites”. (ISER: 1983, p.386)

Segundo ISER, atos de fingir são três vias de traslado: a seleção, que é o recorte feito do referente; a combinação, que é a junção desses recortes e a associação entre eles; o desnudamento da ficcionalidade, que é o “contrato” entre o leitor e o desenhista de que ele acredita no que lê.

Mauricio de Sousa possui através de seus diferentes núcleos temáticos de abordagem, personagens fixas e passageiras. Vemos características bem definidas em suas personagens, quando o roteiro segue o ficcional. Como na figura:



A figura retrata um roteiro ficcional, criado para aproximação racial entre dois humanos. Podemos observar na imagem, que os traços das duas personagens são simplificados, distanciando-se da representação fotográfica de um indígena. Podemos dizer que aqui, Mauricio de Sousa idealiza a figura de uma criança indígena, caracterizando-a com tapa-sexo, pés sem dedos e sem camisa.



Pegando a demonstração desta segunda ilustração, percebemos o uso do mesmo traço para o desenho da personagem, que é fixa em um dos seus núcleos temáticos, porém, caracterizada como “pré-histórica”, idealizada pelo autor como uma pessoa “das cavernas”. Comparando as duas últimas figuras, observamos aqui, o mesmo tipo de traço, com a mesma espessura. Os pés da personagem também são sem dedos, possui o mesmo formato de olhos; as mãos possuem dedinhos bem característicos.



Já esta terceira ilustração configura um indígena em um roteiro que busca retratar um conteúdo histórico e ecológico. A figura é ilustrada buscando uma anatomia mais realística, com sombreados, formatos mais próximos da figura humana. A vegetação possui mais detalhes e o quadro é mais detalhado.

Comparando as três ilustrações, há ainda a idealização da figura humana. Porém, quando o conteúdo quer que o leitor veja a situação com mais seriedade, observamos que o desenho aproxima-se da fotografia.

Conclui-se que, a noção de ficção convida a não confundir o texto e referente; ela convida a analisar o universo, a história e os protagonistas criados pelas narrativas, por meios de signos lingüísticos que os constituem.

A leitura entre a imagem ficcional e não-ficcional, traz uma perspectiva que, por mais que seja buscada no imaginário do artista, configura para o leitor um compromisso com a verdade do texto.

1. BIBLIOGRAFIA:

- 1- SOUSA, Mauricio. Entrevista concedida em março de 2005.
- 2- EISNER, Will. Quadrinhos e a arte seqüencial. Martins Fontes, 1995.
- 3- CIRNE, Moacy. Quadrinhos, sedução e paixão. Vozes, 2000.
- 4-- SOUSA, Mauricio. Entrevista concedida em julho de 1996.
- 5- ZARUR, Ana Paula. Por um estudo do significado da ilustração no livro infantil brasileiro. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. 1997.
- 6- LIMA, Luiz Costa. O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- 7- ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da literatura e suas fontes. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.
- 8- DUTRA, Antônio Aristides Corrêa. Quadrinhos de não-ficção. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – BH/MG – 2 a 6 Set 2003.

Endereço para Correspondência:

Cristiana de Almeida Fernandes - cristiana.fernandes@foa.org.br
Centro Universitário de Volta Redonda - Campus Três Poços
Av. Paulo Erlei Alves Abrantes, nº 1325, Três Poços - Volta Redonda / RJ
CEP: 27240-560